



## HEGEL: A PERTINÊNCIA DA ARTE E SUA FUNÇÃO NA HISTÓRIA DO HOMEM

(Hegel: The Case of Art and its Role in the History of Man)

**Prof. Me. Wagner Alves Guedes\***

Doutorando em Filosofia da  
Linguagem pela UNISINOS

### RESUMO

A pesquisa procura não só conceituar e expor a estética de Hegel, mas também elucidar seu pensamento referente à questão. Em suas palavras, estética seria o belo artístico, criado pelo homem. Nesse sentido, a ascendência da arte está na precisão que o homem tem de objetivar seu espírito, morfosando o mundo e também se transformando. Assim, nas páginas que se seguem há uma exposição do conceito vulgar de estética em contraponto a visão hegeliana, para tanto, o filósofo cita a ascensão e declínio do conceito de arte e estética buscando contextualizá-la enquanto função na história do homem.

**Palavras-chave:** Arte. Estética. História. Natureza. Espírito.

### ABSTRACT

The research seeks to not only conceptualize and expose the aesthetics of Hegel, but also clarify their thinking on the issue. In his words, would the beautiful artistic aesthetic, created by man. In this sense, the ascendancy of art is the precision that man must objectify her spirit, morfosando the world and turning. Thus, in the following pages is a summary of the vulgar concept of aesthetics as opposed to Hegelian view, therefore, the philosopher cites the rise and decline of the concept of art and aesthetics while seeking to contextualize it function in human history.

**Keywords:** Art. Aesthetics. History. Nature. Spirit.

## INTRODUÇÃO

Impactante. Não haveria como refutar ou definir outra forma para a filosofia hegeliana, que deixou um inegável legado responsável pela formação de um imenso número de seguidores que, por sua vez, se dividiram em dois grupos: *os hegelianos de direita* e *os hegelianos de esquerda*. Esse sistema teria seus esforços voltados para a reunião do *espírito e a natureza, o universal e o particular, além do ideal e o real*. Tanto seguidores de direita, como de esquerda, crentes ou ateus tomaram-no como mote.

Pautado em uma de suas melhores obras, “*Cursos de Estética I*”, o filósofo alemão lança um olhar indagador e decerto, bastante pertinente a respeito da Arte, com um propósito de contextualizar sua função na história do homem.

Dessa forma, o artigo almeja uma discussão no que concerne não só a ideia da evolução que a arte reproduz, mas também a dialética da ideia infinita, que segundo o filósofo, se nega ou aliena no finito. Deve-se então considerar, que a função da arte na história do homem, não é restrita à imitação da natureza, mas sim de torná-la uma metamorfose, que por sua vez almeje a possibilidade de expressão da consciência que tem de si mesmo.



## 1. PREÂMBULO CONCEITUAL DO TERMO ESTÉTICA: O USO VULGAR, EM ARTES, EM FILOSOFIA

Valendo-se do uso comum do termo estética encontramos: Instituto de estética e Cosmetologia, estética corporal, estética facial, entre outros. Tais expressões remetem à beleza física, dessa forma abrangem desde uma maquiagem ou uma barba bem feita a cuidados mais intensos como ginástica, tratamentos à base de cremes, massagens, chegando até, à cirurgia plástica. Encontramos ainda expressões como: senso estético, arranjo de flores estético ou decoração estética. Nelas também está presente a relação com a beleza ou, pelo menos, com o agradável; mas aqui a palavra estética é usada como adjetivo, isto é, como qualidade.

Saindo do uso comum da palavra e adentrando no campo das artes, são encontrados termos como: estética renascentista, estética realista, estética socialista etc. Nesses casos, a palavra estética, usada como substantivo designa um conjunto de características formais que a arte assume em determinado período e que poderia, também, ser chamado de estilo.

Resta, ainda, outro significado, mais específico, usado no campo da filosofia. Sob o nome, estética enquadramos um ramo da filosofia que estuda racionalmente o belo e o sentimento que suscita os seres humanos.<sup>1</sup>

Fato é que há uma eminente tradição da utilização do termo estética ligado à noção de beleza, inclusive na filosofia. Dado a essa premissa, é que exatamente por causa desse elo que a arte tem um lugar privilegiado na reflexão estética, uma vez que durante muito tempo foi considerada funcional como maneira de expressar primordialmente a beleza sensível.

A etimologia da palavra *estética* vem do grego *aisthesis*, com o significado de *faculdade de sentir, compreensão pelos sentidos, percepção totalizante*. A ligação da estética com a arte é ainda mais estreita se considerar que o objeto artístico é aquele que se oferece ao sentimento e à percepção. Por isso, podemos compreender que, enquanto disciplina filosófica, a estética tenha também se voltado para as teorias da criação e percepção artísticas.<sup>2</sup>

Segundo Demo, citado por Minayo (1999, p. 35), o objeto da estética, segundo Hegel, é o belo artístico, criado pelo homem. A raiz da arte está na necessidade que tem o homem de objetivar seu espírito, transformando o mundo e se transformando. Como citado anteriormente, não se trata de imitar a natureza, mas de transformá-la, a fim de que, pela arte, possa o homem exprimir a consciência que tem de si mesmo.

Hoje em dia, de uma perspectiva fenomenológica, consideramos o belo como uma qualidade de certos objetos singulares que nos são dados à percepção. Beleza é, também, a imanência total de um sentido ao sensível. O objeto é belo porque realiza o seu destino, é autêntico, é verdadeiramente segundo o seu modo de ser, isto é, é um



objeto singular, sensível, que carrega um significado que só pode ser percebido na experiência estética. Não existe mais a ideia de um único valor estético a partir do qual julgamos todas as obras. Cada objeto singular estabelece seu próprio tipo de beleza.<sup>3</sup>

Assim, para muitos, estética pode significar um sentido equivocado da atualidade, onde há certa *confusão* no que diz respeito ao belo. Em 1740, Alexander Baumgarten, professor da Universidade de Frankfurt introduziu pela primeira vez o termo *estética*, com o qual designou a ciência que trata do conhecimento sensorial que chega à apreensão do belo e se expressa nas imagens da arte, em contraposição à lógica como ciência do saber cognitivo. Aos problemas do conhecimento sensorial, consagrou seu trabalho inacabado, *Estética* (t. I, 1750; t. II, 1758). Baumgarten não é o fundador da estética como ciência, mas o termo por ele introduzido no campo filosófico respondia às necessidades da investigação nesta esfera do saber, e alcançou ampla difusão. Contudo, apenas com Hegel, décadas mais tarde, é que essa disciplina alcançou seu pleno desenvolvimento.

O valor ou o significado da arte é proporcional ao grau de adequação entre a forma e a ideia, proporção que permite a divisão e classificação das artes. Sua evolução consiste na sucessão das formas, nas quais o homem exprime suas ideias a respeito de Deus, do mundo e de si próprio.

Ainda na introdução do Curso de Estética, Hegel expõe o termo estética como sendo designatório da ciência do sentido (*Empfinden*), a verdadeira expressão para Ciência e como filosofia da bela arte. A *estética*, como ressaltava Hegel, é a *ciência que trata do belo em geral, mas tão-somente do belo da arte* (HEGEL, 1999, p. 27), o belo que visa proporcionar a satisfação, o gosto. Nesse sentido, afirmava que *o gosto é dirigido somente à superfície externa em que jogam os sentimentos* (Ibidem) e, continua *o assim chamado 'bom gosto' teme os efeitos profundos da arte e silencia quando as exterioridades e os incidentes desaparecem* (HEGEL, 1975 *apud* DANTO, 2000, p. 18). Uma vez que a arte atende somente aos gostos e sua crítica se restringe à arte em si mesma (história), ficam, então, cada vez mais evidentes as barreiras entre vida e arte. Nesse sentido, nas palavras de Hegel:<sup>4</sup>

A arte, em sua essência verdadeira, mantém uma relação contínua com a realidade e, por isso, um modo objetivo de representar e refletir sobre o mundo que aí está, pois a capacidade inata do ser humano de representar o seu meio é um processo que demanda pensamento. Desta forma, a arte compreendida como estética, cede lugar à filosofia da bela arte, pois, como ecoou Danto: o conceito de gosto desapareceu da avaliação crítica das obras de arte [...] **Duchamp, sozinho, demonstrou que é inteiramente possível algo ser arte sem ter qualquer relação com o gosto, bom ou ruim.** Assim, ele pôs um fim naquele período do pensamento e da prática estética comprometida [...] com o 'Padrão do Gosto' (DANTO, 2005, p. 21).

Fato é, que a Filosofia pós-Renascimento, na qual o pensamento hegeliano detém uma relação muito estreita, tomou a Alemanha como pátria, de onde, sem dúvida, partiram os grandes nomes da Filosofia Moderna. Não obstante, no cerne desse rol de influentes



filósofos, o pensador alemão constituiu-se como um forte precursor do Idealismo alemão do século XIX. Nesse sentido, não nos parece ser muito fácil explicar a complexidade da visão de Hegel sobre o assunto.

Ancorado nos ideais de libertação, Hegel desenvolve todo o seu método de pensar e agir, partindo do princípio de que a razão é o que distingue os homens dos outros animais. Essa razão é intimamente ligada à verdade, e como a verdade é algo identificado com afirmação e negação, conclui-se que não existe uma verdade eterna, ela muda de acordo com o curso da história. A razão e a verdade são, portanto, coisas mutáveis.<sup>5</sup>

Nesse momento, Hegel afasta completamente do debate o problema da imitação da natureza, que não é, em si, nem bela nem feia. A arte, segundo o filósofo, não é outra coisa senão o mais subjetivo desenvolvimento do espírito a partir do real; e suas formas históricas representam, cada uma a seu modo, momentos desse desenvolvimento. Lembramos que, contemporaneamente, a estética, tendo renunciado em princípio a todo cânone, é caracterizada por uma abundância de correntes, cada uma constituindo suas teorias particulares.

Para a Grécia Antiga, o mais importante era a escultura. No Renascimento, a expressão maior se deu pela pintura e anos mais tarde, era a música que viria a ser a manifestação maior da sensibilidade humana, tendo seu auge em Mozart e Beethoven. Portanto, cada período tem a sua maneira especial de se expressar. Para Hegel, a Arte é o veículo mais importante de expressão dos povos. Nela, o homem se manifesta em toda a sua totalidade, logo, é pela Arte que o homem exprime o seu absoluto, a realidade completa, no sentido mais pleno da palavra, e que depende de si mesma para existir. Cada povo se manifesta com uma arte diferente e para cada povo essa Arte tem uma parcela de razão diferenciada. Segundo Hegel, os gregos<sup>6</sup> viveram num tempo em que a verdade estava mais próxima da sensibilidade e dos fenômenos naturais, por isso a Arte tinha mais credibilidade. Já após o Renascimento, um período em que a ciência tenta explicar tudo pelo pensamento abstrato, as interpretações do mundo são outras e a Arte perde a força que tinha antes. É com base nisso, que Hegel declara o *fim da Arte*. Não que ela tenha terminado, até hoje pessoas continuam fazendo Arte. Mas, que elas, as obras de Arte, já não são mais o terreno supremo para manifestar a verdade dos homens. Hegel conclui seu raciocínio, afirmando que a Arte nunca mais terá a importância que teve nos tempos antigos dos gregos. Como verdades que são mutáveis, a Arte também não é eterna.

Assim, a arte grega não é mais um ideal fixo definitivo, que se trataria de copiar ou de redescobrir, mas um ponto de equilíbrio ligado à determinada civilização. O espírito encarna-se uma última vez na arte romântica, na qual o infinito da intuição *dissolve a cada instante* as formas fixas. Por isso, essa evolução histórica corresponde uma ascensão progressiva da arte; mas esta ascensão anuncia, de certa forma, a *morte* da arte.

A Ciência da Arte é, pois, em nossa época, muito mais necessária do que em épocas na qual a Arte por si só, enquanto Arte, proporcionava plena



satisfação. A Arte nos convida a contemplá-la por meio do pensamento e, na verdade, não para que possa retomar seu antigo lugar, mas para que seja reconhecido cientificamente o que é Arte (HEGEL, 1999, p. 35).

A Estética de Hegel consistiria, então, basicamente da aplicação do método racional aos fenômenos artísticos, o emprego das verdades e razões citadas acima. Cada período da história teve uma forma de manifestação que melhor expressasse o sentimento dos homens. Certo é que a importância da compreensão historiográfica no entendimento dos povos fica marcada, no século XIX, por algum tipo de noção de progresso, onde Hegel esteve presente como referência em maior ou menor medida. A busca pelo homem e pelo Estado perfeitos chegarão até nossos dias, comprovando ainda mais sua importância no pensamento humano.

Hegel produziu no século XIX uma nova forma de pensar e ver o mundo a partir das influências que também sofreu de Kant, Goethe, Descartes, Fichte e Schelling. Com isso, introduz o conceito de história. A beleza muda de face e de aspecto através dos tempos. Essa mudança (dever), que se reflete na arte, depende mais da cultura e da visão de mundo vigentes do que uma exigência interna do belo.

## CONCLUSÃO

Para que possamos compreender o conceito de estética hegeliana, devemos tal como ditava o filósofo, pressupor que o termo estética diz respeito à ciência que trata do belo em geral, mas tão e somente do belo da arte, ou seja, o belo é basicamente arte, por isso remete o belo natural a um segundo plano. Nesse sentido, Hegel definiu a estética como a ciência que estuda o belo, conferindo-a a categoria de ciência filosófica, aproveitando para expressar que *a beleza só pode se exprimir na forma, porque ela só é manifestação exterior através do idealismo objetivo do ser vivente e se oferece à nossa intuição e contemplação sensíveis* (HEGEL, 2009, p. 29).

Mas é com a introdução do conceito de história que o filósofo alemão procurou salientar que a beleza muda não só de face, mas também de aspecto através dos tempos. Esse dever que é refletido na arte depende mais da cultura e da visão vigente de mundo, do que de uma exigência interna do belo. Fato é que Hegel parece concordar de certa maneira com Platão, ao abordar a questão do ideal e do belo.

Assim, para o autor de *Cursos de Estética*, o belo é algo espiritual. Não obstante, para que possamos então definir o belo como algo espiritual, devemos partir do pressuposto da *inexistência material do belo*, e dessa forma colocá-lo na categoria conceitual de sem realidade física, portanto, pertencente ao plano espiritual, ao plano da imaginação do sujeito.

Uma análise mais aprofundada sobre o ideal foi decerto uma das metas de Hegel, nesse sentido, ele atribui ao ideal todos os conceitos espirituais e morais, incumbentes à natureza humana ora transfigurada pelo imaginário em formas atribuídas a deuses ou seres superiores a si mesmo. Segundo ele, esse ideal seria uma forma de tentar transpor



a realidade cruel e dura da vida habitual e ao mesmo tempo traçar para si mesmo exemplos a serem seguidos. Para Hegel a beleza parece funcionar como a expressão máxima do Ideal. O ideal clássico *só representa o modo de ser do espírito, o que nele há de sublime funde-se na beleza, é diretamente transformado em beleza.*

## BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria L. A., MARTINS, Maria H. P. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.

DANTO, Arthur C. *A transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

HEGEL, G.W.F. *Cursos de estética*. Trad. M. A. Werle. São Paulo: Edusp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Cursos de Estética*. São Paulo: Edusp, 2001/06. (4 vols)

\_\_\_\_\_. *Curso de estética: o belo na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1999.

## NOTAS

\* Wagner Alves Guedes é aluno regular do Programa de Pós Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, onde faz Doutorado na área de concentração da Filosofia da Linguagem, orientando do Prof. Dr. Marcos Azevedo.

<sup>1</sup>Dictionaire de la philosophie. Paris. Larousse, 1982, p. 91.

<sup>2</sup>Disponível em: <br.geocities.com/.../filosofia\_estetica.htm> Acessado em 12/10/12 às 15:35.

<sup>3</sup> Extraído da revista: Curso de Tecnologia em Design de Interiores – Dom Bosco – 2009.2 – autoria de Solange Irene Smolarek Dias - Disponível em : <http://www.fag.edu.br/professores/solange/TEORIA>, acessado em 13/12/2012 às 10:28.

<sup>4</sup> Intertextualizado do II Colóquio da Pós-Graduação em Letras; UNESP – Campus de Assis – Autor: Paulo Fernando da Silva, maio de 2010.

<sup>5</sup> LEBRUN, Gerard. *A Paciência do Conceito: Ensaio sobre o Discurso Hegeliano*. São Paulo: UNESP, 2010.

<sup>6</sup> Ibidem.

Artigo recebido em 16/011/2012  
Artigo aprovado em 16/12/2012